

**José Olavarría “Desejo, Prazer e Poder: Questões em torno da
Masculinidade Heterossexual”,**

en Barbosa, Regina y Richard Parker (orgs), *Sexualidades Pelo Averso.
Direitos, Identidades e Poder*. IMS/UERJ. Editora 34, Sao Paulo. Brasil.
1999, pp 153-174.

9.

DESEJO, PRAZER E PODER:
QUESTÕES EM TORNO DA
MASCULINIDADE HETEROSSEXUAL

José Olavarría

Este trabalho tem origem em duas pesquisas realizadas entre homens heterossexuais de Santiago do Chile, que conviviam com suas companheiras ou esposas. As investigações basearam-se em relatos de vida e entrevistas em profundidade, desenvolvidas entre 1995 e 1998, em torno da construção social de identidades masculinas e relações de poder entre os casais, especialmente a sexualidade e a reprodução¹. Dessa forma, a reflexão aqui apresentada será feita a partir da masculinidade heterossexual (Valdés & Olavarría, 1998a e 1998b; Olavarría, Benavente & Mellado, 1998.)

Um processo de vários anos transcorre entre o despertar do desejo e da consciência da própria sexualidade, até o início da sexualidade ativa. Algum fato particular ou uma seqüência de situações fazem com que o menino/adolescente perceba sua condição de homem, de homem sexuado, heterossexual. Desde a aparição de mudanças em sua corporeidade, passando por sua inserção nos “clubes de Tobi” (clubes só para homens) para distinguir-se das mulheres e não “se contaminar” com elas, até reconhecê-las como fonte de atração, fantasia e prazer, decorre um tempo. Esse processo é experimentado pelos homens, cada um à sua maneira, mas com muitas semelhanças entre si.

O DESPERTAR DO DESEJO

A partir da infância, os homens começam a ter consciência de sua sexualidade, segundo a reconstrução que fazem de suas vidas nos relatos. A partir dessa etapa de suas vidas, é possível identificar vivências e sentimentos que os abrem à sua sexualidade. Ainda sendo crianças, e especialmente na puberdade, começam a experimentar uma série de mudanças

¹ Trata-se das pesquisas “Construcción social de la masculinidad en Chile. Crisis del modelo tradicional”, realizada por Teresa Valdés e José Olavarría com homens de setores populares e médios altos, entre 25 e 69 anos, com financiamento da Fundação Ford; e “Construcción social de la identidad masculina en varones adultos jóvenes de setores populares”, realizada por José Olavarría, Cristina Benavente e Patricio Mellado, entre homens de 21 a 29 anos, com financiamento do Fondo de Investigaciones para Estudios de Género, CONICYT Chile.

corporais e sensações que até esse momento desconheciam. Algumas das manifestações que lhes fazem tomar consciência de sua nova condição — como a aparição de pêlos e pentelhos, a transformação da voz e o crescimento que modifica seus traços de criança — indicam que seu corpo está mudando. Aparece o pudor, especialmente de serem vistos nus por mulheres, inclusive as mães. Percebem que o tratamento das pessoas mais velhas vai se modificando em relação a eles, em particular o dos pais, e escutam comentários de que já seriam “um homenzinho”.

Junto com as novas sensações e com as mudanças em seu corpo, os homens recordam que começam a perceber-se como diferentes das mulheres. Já não são apenas as brincadeiras que os separam, ou os comentários dos pais que com freqüência lhes indicam que “não devem ser mulherzinhas”; também as sensações associadas ao desejo, até esse momento desconhecidas, fazem com que se distingam delas.

Nessa idade, diversos estímulos se fazem presentes: encontrar-se sem querer com uma mulher adulta nua — a amiga da mãe, uma tia, prima, irmã mais velha ou vizinha —, olhar uma revista pornográfica, ver um filme desse tipo. Essas situações são lembradas por alguns homens com grande nitidez e produziram neles um forte impacto. Assim, a aparição do desejo anunciaria o início da sexualidade consciente no homem.

A vivência subjetivamente iniciática da sexualidade seria, para muitos, a primeira ejaculação. Essa experiência completamente nova — que mescla a secreção líquida da ejaculação, para alguns prazerosa, com a excitação que irrompe sem que a vontade do adolescente importe — e o inesperado atrativo que as mulheres passam a ter, especialmente seus corpos, produzem um forte impacto nos homens. É uma etapa da vida lembrada como o rompimento com o mundo da infância e o início de um tempo em que o desejo e a excitação seriam percebidos, às vezes, como irrefreáveis, parecendo dominar a vontade do homem. Vivência que produz temor pelo desconhecido e por não ter com quem compartilhá-la.

A primeira ejaculação é, na maioria dos casos, uma experiência inesperada. Em geral, ninguém os preparou para as transformações em seus corpos, nem para o despertar de sua sexualidade. Nada lhes foi antecipado, ou não se atreveram a fazê-lo. Não havia existido diálogo, nem linguagem para expressá-lo. Até esse momento, praticamente não haviam conversado sobre o sexo e a própria sexualidade com outra pessoa. Alguns homens se recordam com precisão da primeira ejaculação e da circunstância em que ocorreu. Outros, sem lembrar o momento, têm muito presente a irrupção que significou em suas vidas. Para muitos homens, essa experiência produziu uma mistura de incômodo e vergonha. Outros, por sua vez, experimentaram algo distinto, uma espécie de prazer. As circunstâncias em que se deu foram diversas. Para alguns, foi um sonho noturno ou uma forte

excitação que terminou em ejaculação; para os demais, essa experiência se deu por meio da masturbação.

A INTERPRETAÇÃO DO DESEJO E A CONSTRUÇÃO DO CORPO

É possível conhecer a construção que os homens fazem de seus corpos, bem como sua interpretação do desejo, a partir de seus relatos. Na busca de explicar as transformações que se produziram em seus corpos, os homens “constroem” sua corporeidade e lhe dão sentido subjetivo, interpretando as vivências que tiveram de sua sexualidade a partir do que denominam “instinto”. Essa construção assinala que há um “instinto natural”, que teríamos todos os homens. É um instinto animal, porque somos animais e por isso nos reproduzimos. Esse “instinto” criaria uma necessidade que se faz presente conscientemente nos homens, a partir da puberdade e início da adolescência. A necessidade orientaria o homem para uma mulher, a fim de satisfazê-lo.

Essa necessidade — muitas vezes intensa, recorrente, que não abandonaria o homem ao longo de sua vida — se faria presente sem aviso-prévio e sem obediência à sua vontade. No homem, esse instinto/necessidade se manifestaria na produção de um desejo, que cresceria e se acumularia a tal ponto, que teria de esvaziá-lo. A materialidade desse desejo acumulado seria um recipiente que contém o sêmen e que, ao saturar-se, exigiria que seu conteúdo saísse, ejetando-se. O homem sentiria que deve satisfazer essa necessidade de alguma maneira, esvaziando aquilo que se acumulou. Tem que saciar a necessidade. O objeto do desejo seria uma mulher para ter sexo e, assim, esvaziar-se, saciar-se, desafogar-se, “tirar isso de cima”. Essa necessidade se expressaria especialmente através do pênis, o “órgão”, que muitas vezes adquiriria autonomia do resto do corpo e da vontade do homem. É assim que o pênis seria “*el caballo encabritado*” (o cavalo encabritado, empinado), “o menino travesso”, ou simplesmente “o outro”.

Dessa forma, a sexualidade seria expressão da animalidade, da necessidade e do desejo. Animalidade porque a razão não controlaria o corpo; as exigências do corpo não dependeriam da vontade do homem, ainda que este tratasse de controlá-las. Em certas situações, essas demandas do corpo seriam superiores, inclusive à capacidade de autocontrole; seriam um requerimento “objetivo de sua natureza”. Necessidade porque seria uma carência do corpo, que requer ser satisfeito. E desejo porque, subjetivamente, almejava satisfazer essa necessidade com uma mulher, que é o objeto do desejo.

A necessidade poderia superar a vontade do homem, quando este tivesse acumulado mais do que seria capaz de agüentar. Nesses casos, não se poderia dobrar a necessidade, pois não obedeceria à razão; “o cavalo encabritado” não obedeceria ao amo. A necessidade então ultrapassaria

a vontade do homem, e este se transformaria em um animal descontrolado, surgiria “o animal” que há nele.

A partir da adolescência, com o surgimento do desejo e da consciência de sua necessidade sexual, a luta dos homens seria, então, exercer domínio sobre seu próprio corpo, dominar sua animalidade; que a razão e a vontade passem a controlá-la, que ele seja capaz de “domar o cavalo encabritado” e colocar o “menino travesso” no “bom caminho”. O homem se encontraria confrontado em uma encruzilhada clássica: ou domina o “instinto” e é o “senhor” de seu próprio corpo, ou se deixa dominar por ele e se transforma em um animal (Monick, 1994)².

Esse dilema, que deverá ser resolvido por cada homem, seria especialmente intenso para os homens dos setores médios e médios-altos, com formação religiosa de tradição agostiniana, que interpreta o desejo como tentação e o prazer como pecado, e não deixam de lembrar que os homens estão para a razão como as mulheres para a emoção e a paixão. Sem a tentação de Eva, que, por sua vez, se deixou tentar, os homens continuariam no Éden. Submeter o próprio corpo ao controle seria, portanto, uma dupla demonstração de hombridade: num primeiro âmbito (incluindo as mulheres), os homens seriam animais racionais e sua racionalidade os distinguiria das bestas e, num segundo, os homens, diferentemente das mulheres, deveriam controlar seu corpo (“instintos”, emoções e paixão), para não efeminar-se.

O AUTO-EROTISMO COMO A SATISFAÇÃO DO DESEJO

O desejo poderia ser satisfeito, inicialmente, de maneira espontânea, com a ejaculação noturna; seria o mecanismo natural, que permite esvaziar o recipiente que acumula o desejo. Porém, como o desejo expressaria uma carência cuja satisfação tem como objeto possuir uma mulher, o desejo por uma mulher seria o centro da sexualidade. Como, para um adolescente, ter acesso a uma mulher é muito difícil, ele supriria essa dificuldade com a masturbação, imaginando que está com uma. A masturbação, nesse sentido, seria a introdução ao mundo do prazer, por meio do autoerotismo. Como sublinhou um homem, “quando uma pessoa aprende a se masturbar, imediatamente aprende sobre sexualidade”. Quase todos os entrevistados indicaram que haviam se masturbado na adolescência.

De início, segundo os relatos, alguns homens não se davam conta de que o que estavam fazendo era masturbar-se; outros, ao contrário, tinham consciência disso e desejavam uma mulher, imaginavam-na, fantasiavam

² Ao distinguir *pênis* e *falo* e descrever o que denomina “falo infernal”, Monick permite uma interpretação compreensiva do que encontramos nas respostas dos homens entrevistados.

com ela e se masturbavam. Em algumas ocasiões, utilizavam revistas ou vídeos pornográficos. Para a maioria, essa vivência era algo íntimo; alguns, ocasionalmente, realizavam jogos masturbatórios com outros rapazes; outros viram ou ouviram falar de sua existência.

Assim, a masturbação seria um dos caminhos que os homens utilizam desde a adolescência, para dar saída a essa necessidade, para “esvaziar-se”. Enquanto não se iniciam na sexualidade ativa com uma mulher, a masturbação seria uma antecipação do que virá e uma forma de controlar e reprimir “o instinto”, bem como de experimentar prazer.

A masturbação seria sentida como uma satisfação intensa, satisfação física do momento, uma auto-satisfação, algo delicioso, bom, que permite relaxar. Seria a forma de desafogar-se da necessidade. Não permitir que o desejo acumulado saísse poderia afetar a saúde do homem. De alguma maneira, deveria esvaziar-se quase sempre, assim exigiria o corpo. A masturbação seria um dos caminhos que permitem esvaziar-se e, além disso, gozar. Porém, a masturbação teria limites, pois praticá-la em excesso também afetaria a saúde, porque debilitaria o homem fisicamente e poderia se transformar em um vício, dominando-o sua animalidade. Portanto, a masturbação deveria ser realizada, mas sem excessos.

Na adolescência, outro caminho para controlar o corpo, regular a necessidade e permitir o alívio seria a realização de esportes, ginástica e exercícios, incluídas duchas de água fria. Assim, seria possível “tranquilizar” o corpo e afastar o desejo, gastando energias físicas. Para outros adolescentes, ao contrário, a masturbação e o prazer estariam no âmbito do proibido, do pecaminoso. A masturbação viria a ser a demonstração de que o homem não controla o desejo, a tentação. A tentação seria uma das formas em que atua o “mal” para fazer pecar. O pecado não seria o desejo, mas a incapacidade de submetê-lo ao controle, “caindo” no prazer. Gozar, ter prazer através da masturbação seria o pecaminoso. Se a “salvação da alma” supõe evitar o pecado, não reincidir e arrepender-se de tê-lo praticado ou pensado, a masturbação, então, afastaria a salvação. Para esses homens, a oração e a atividade religiosa seriam uma das formas de evitar sucumbir ao desejo. Essa construção do prazer como algo pecaminoso (Gaarder, 1997)³ teria gerado, nos homens formados em colégios católicos tradicionais, sérios conflitos em torno de sua sexualidade.

É assim que os homens interpretariam a sexualidade e o prazer a partir da adolescência: incorporando o auto-erotismo e a masturbação à sua vida

³ O autor expressa muito bem esse dilema através da suposta correspondência entre Santo Agostinho e Flória — sua antiga companheira e mãe de seu filho —, após já ter escrito suas *Confissões* e ter se tornado bispo.

normal; fazendo disso um ato prazeroso íntimo; evitando e controlando o desejo através do esporte e do exercício; e/ou percebendo-o como algo proibido, pecaminoso e que produz medo. Em alguma medida, eles entrecruzariam essas interpretações e subjetivamente lhes dariam sentido, por contraditórias que possam parecer.

OS APRENDIZADOS EM TORNO DA SEXUALIDADE

Como pode o menino ou adolescente, que começa a vivenciar o desejo, saber se é normal o que está acontecendo? A sensação seria muito intensa e, às vezes, o temor de perguntar seria grande, de acordo com os relatos. Quem são os agentes que introduzem o menino/adolescente na sexualidade? Quem o ensina a interpretar o que está ocorrendo com seu corpo, com o desejo e o prazer?

As imagens identitárias de gênero e a interpretação das vivências, que são internalizadas através da socialização, não dizem respeito apenas à linguagem oral ou escrita, mas principalmente à sociabilidade e à convivência com outros/as, que são significativos e que encarnariam essas identidades e interpretariam subjetivamente seu mundo cotidiano, inclusive seu corpo, segundo essas construções.

O PAI

O pai é uma figura presente em todos os homens entrevistados, mas isso não quer dizer que esteja ou tenha estado fisicamente presente, ou que seja ou tenha sido um pai ativo. O pai, para uma parcela importante dos homens de setores populares, não havia estado fisicamente presente, nem havia outra figura masculina que o substituísse. Nesse mesmo setor, de acordo com os entrevistados, os pais fisicamente presentes eram em geral passivos na socialização sexual; não tomavam iniciativa em relação à sexualidade de seus filhos, com exceção de alguns, que tentaram facilitar sua iniciação sexual com alguma prostituta, em geral rejeitada pelo jovem. Nos setores de classe média-alta, os pais em geral estavam fisicamente presentes, ou havia uma figura paterna em casa, mas eram igualmente passivos na socialização sexual de seus filhos. E, em alguns casos, ocultavam ou reprimiam as expressões de sexualidade dos filhos.

Dessa forma, para uma parcela importante dos homens entrevistados, os pais eram sentidos como homens assexuados; ao transmitir ensinamentos, davam a impressão de que a sexualidade, o desejo e o prazer não correspondiam ao espaço da casa. Apesar de estarem fisicamente presentes e convivendo com eles, não faziam nenhum tipo de manifestação, diante o filho, de que a sexualidade era parte da vida cotidiana. Não con-

versavam com o filho sobre sexualidade. Não mostravam sua própria sexualidade, nem a convivência sexual com sua companheira ou esposa. Não participaram de nenhum fato relevante relativo à sexualidade. Quando um pai chegou a fazer algum comentário, os filhos já haviam aprendido por eles mesmos. Chegaram tarde.

Outros pais, apesar de terem tentado se aproximar do filho para tratar do tema, não persistiram, não sabiam o que dizer, ou sabiam menos do que eles. Em geral, a menção que fizeram ao filho foi: "tenha cuidado para não engravidar a moça". Alguns pais, ao contrário (a minoria), de alguma maneira conversaram, participaram, acompanharam e/ou mostraram ao filho sua própria sexualidade e sua convivência com sua companheira ou esposa. Entre esses pais foi possível distinguir aqueles que ensinaram ao menino/adolescente uma sexualidade mais respeitável e respeitada, antecipando-lhes vivências que teriam no futuro e, de alguma maneira, acompanhando-os em sua iniciação na vida sexual ativa, mostrando a eles que eram homens sexuais, com convivência sexual com sua companheira ou esposa. Porém, houve também pais, especialmente de setores populares, que socializaram seus filhos no uso do poder em relação à sexualidade e mostraram a eles o jogo da negociação com a companheira, a partir de uma posição de domínio. Socializaram os jovens nas "patifarias", às vezes com algum grau de confiança e intimidade com a vida sexual ativa do jovem.

Os ensinamentos destes últimos pais apontavam aos jovens para que distinguíssem que as mulheres se dividiam em dois tipos: a mulher própria, a companheira/esposa, com quem deveria ter filhos, "fazer amor" e a quem deveria proteger e respeitar; e as outras, para ter "relações sexuais", sexo e gozo pessoal, para "desafogar-se". As outras poderiam ser todas as mulheres, menos a companheira/esposa, a mãe e as filhas (tabu do incesto), ao menos na manifestação que fizeram ao entrevistador. Ensinaram a eles, também, a maneira de ter mulheres para fazer sexo, os cuidados que deveriam ter para escolher uma mulher: "tem que saber quem é a mulher com quem se mete", "não pode engravidar a mulher com quem se faz sexo" e "para não se apaixonar nem se casar, tem que ter relação com várias mulheres ao mesmo tempo".

A MÃE

A mãe, como agente de socialização na transição do menino/adolescente à sua vida adulta, em geral foi vivenciada pelos homens entrevistados como passiva sexualmente, que escondia sua sexualidade, que a tornava invisível; em alguns casos, até os próprios filhos a transformavam em um ser assexuado. Esta é a mesma mãe admirada por quase todos os homens em outros planos; é a mulher que, nos setores populares, muitas vezes

havia levado a casa adiante, apesar da ausência, violência ou alcoolismo do companheiro ou do marido.

Geralmente, quando o pai era visto como assexuado, a mãe também era percebida como uma mulher assexuada, que não havia conversado nem tornado visível a seus filhos, em algum sentido, sua própria sexualidade. Porém, em alguns casos, ao menos, os jovens vivenciaram suas mães em um papel mais ativo na socialização de sua sexualidade; a ela era ou é possível pedir opinião ou consultar sobre certos aspectos. Nesses casos, era ela quem cuidava do corpo, da saúde e da felicidade do homem, que tendia a valorizá-la por isso. Os conselhos das mães para os filhos homens indicavam especialmente que deveriam cuidar de si e de seu corpo, bem como de sua companheira. Algumas, inclusive, chegaram a sublinhar que, para um adolescente homem, era legítimo trocar carícias com a namorada, mas nada além disso; havia uma idade para fazer amor.

OS PAIS COMO CASAL

Se o pai e a mãe, para muitos homens, eram vivenciados como pessoas assexuadas e passivas, dificilmente se poderia esperar que a sexualidade deles como casal fosse diferente. A intimidade do pai ou da mãe com seu par não foi, em geral, visível para os jovens, ou eles a negavam diante dos filhos. Apenas era possível, às vezes, distinguir alguns gestos de agrado ou desagrado.

Os ensinamentos que se depreendem da vivência com os pais seriam múltiplos, entre os quais se distinguem: as vivências do desejo e do prazer não corresponderiam ao lar, estariam fora dele; portanto, este não seria o lugar onde o adolescente pudesse aprender a interpretar o que acontece com a própria sexualidade; quando se chegasse a expor a inquietação, em geral esta seria rapidamente aplacada, ocasionando confusão e alteração no interior da família; a sexualidade não seria um tema concernente aos pais, nasceria na pessoa; a sexualidade dos pais deveria ser invisível; além disso, os corpos dos pais deveriam ser conhecidos pelo menino apenas até certa idade; as mães não deveriam fazer sexo, se não fosse com o pai; apesar da invisibilidade da sexualidade do casal, alguns filhos perceberam que seria possível exercer poder sobre a mulher e que o dinheiro daria direitos ao homem em relação à sexualidade com sua companheira.

A ESCOLA

A escola foi, para alguns homens, o espaço onde se aprendeu algo sobre o corpo humano, os genitais masculinos e femininos, a reprodução e as doenças sexualmente transmissíveis. Esse aprendizado, em geral, devia-se à dedicação especial de algum professor ou professora para responder às perguntas colocadas por seus alunos, ou à existência de bibliotecas

onde estes podiam consultar livros que tratassem de temas relacionados à sexualidade. Em geral, contudo, quando houve ensino, este foi asséptico. Os genitais e a reprodução não tinham nada a ver com desejo ou prazer, temas dos quais não se falava. Os homens que estudaram em colégios católicos tradicionais receberam o ensino agostiniano de desejo = tentação e prazer = pecado.

Nesse sentido, a escola fortaleceria o aprendizado do lar, de que a sexualidade, que implica desejo e prazer, estaria no âmbito íntimo, não correspondendo aos espaços da casa e da escola, onde abordar o tema produziria temor e rejeição e seria, para alguns, pecaminoso.

A RUA

A rua é o espaço onde o homem encontra seu grupo de pares, da escola ou do bairro, seja em uma esquina, seja em um clube, bar, discoteca ou festa, entre outros. A rua, o grupo de pares, seria o lugar mais importante, de acordo com o relato dos homens, em relação à socialização na sexualidade. Aquilo que não pôde ser conversado e aprendido em casa ou no colégio seria encontrado entre os iguais. Esse espaço permitiria incorporar novas interpretações sobre o corpo e o desejo e/ou reafirmar as aprendidas. Aqui se incorporariam padrões e sentidos subjetivos. É o espaço em que se observam os adultos e se aprendem seus comportamentos, é onde se iniciam as competições entre os homens. Ali é possível olhar/ler/ver revistas ou filmes pornográficos; é o lugar onde se pode e deve falar de sexo. Aqui se iniciam os aprendizados relativos ao prazer e à conquista de mulheres, socializa-se a masturbação, conhecem-se e praticam-se jogos eróticos, bem como se iniciam as primeiras experiências sexuais com vizinhas, amigas ou *topless*⁴. É o lugar que orientaria sobre a sexualidade aceita: os homens gostam de mulheres, não pode ser “*cartucho*” (homem que não tem experiência sexual), tem que ter as “minas”, tem que mostrar para os outros homens que ele é capaz de ter as “minas”.

De acordo com os relatos, parte importante da vida na rua centrava-se nas conversas com os amigos do grupo, que geralmente era ou é um diálogo de duplo sentido, através de piadas ou brincadeiras mórvidas e obscenas, segundo o consideram agora, como adultos. Nesse espaço era possível falar daquilo que não era permitido em casa ou na escola, especialmente de sexo, ainda que este muitas vezes não fosse o tema central do grupo. Em geral, todos os homens entravam na conversa, alguns divagando com uma sobrecarga de fantasias, outros calando suas próprias

⁴ *Topless* são mulheres jovens, que dançam com os seios nus e se oferecem como companhia ao homens, em bares ou boates.

vivências, pois consideravam seus sentimentos e ações íntimos, reservados, não devendo se tornar públicos, sequer entre o grupo de pares.

A conversação entre os pares se transformaria, assim, em um dos pontos mais importantes da socialização do adolescente/jovem em sua sexualidade. Muitos recordam que as conversas eram muito fantasiosas e giravam em torno do que gostariam de ver e fazer; comentavam sobre como seriam as mulheres, especialmente colegas do colégio, do bairro ou alguma professora. À medida que cresciam, o conteúdo das conversas ia variando. No início comentavam o que faziam os irmãos mais velhos e suas namoradas; algumas eram conversas “invejosas”, misturadas a maldades infantis. A masturbação também ocupava espaço na conversação.

Quando mais velhos, as conversas se davam em torno das relações sexuais. Até aqui, como afirmaram alguns homens, tudo era teoria, não prática. A conversa tomava uma nova direção quando os membros do grupo já estavam se iniciando sexualmente; agora se falava sobre quem era a “mina” com quem havia feito, quantas vezes, com que técnicas. Conversas que tinham algo de verdade, sempre muito de fantasia e especialmente de competição entre os homens do grupo. Era a oportunidade de fazer alarde de supostos triunfos e troféus obtidos.

As brincadeiras, em geral, e as brincadeiras associadas à sexualidade na adolescência entre os pares, em particular, fazem parte das vivências narradas pelos homens e, naturalmente, misturavam-se às conversas. Os jogos sexuais, em alguma medida, seriam formas de representar, dar sentido e expressar as fantasias eróticas dos rapazes. Atividades nas quais não se permitiria nem a presença de adultos, nem daqueles considerados menores, e que teriam o sabor do proibido tanto em casa quanto na escola. Os primeiros jogos de aproximação entre homens e mulheres se iniciariam na infância: jogos de papai e mamãe e de médico são algumas das brincadeiras citadas.

As primeiras competições recordadas pelos homens diziam respeito à demonstração de habilidades, destrezas, diversão, arrojo e valentia; inicialmente com a saliva (cuspes, escarros), a urina (mijadas) e os gases (peidos). Na seqüência iniciavam-se aquelas que teriam por objeto as mulheres: olhar colegas, professoras, imaginá-las nuas e conseguir vê-las tomando banho ou se vestindo. É o período em que os jogos e as competições masturbatórias se fazem presentes, ainda que poucos, e contadas vezes, tivessem participado ativamente em masturbações coletivas; em geral, todos tinham recordações delas, porque as haviam presenciado ou ouvido comentários sobre elas. Mais tarde iniciaram-se as competições por conquistar mulheres e fazer alarde disso, desde marcar algum encontro, tirá-las para dançar em uma festa, até fazer sexo.

Os aprendizados de rua relativos à sexualidade seriam múltiplos, segundo se depreende das narrações dos homens. Este seria o espaço onde se

interpretaria o desejo, dando-lhe sentido subjetivo; ali se construiria o corpo, tanto de homens quanto de mulheres, e se internalizariam mandatos do que é ser homem. A partir da interpretação que se faz do desejo e da construção dos corpos, os mandatos que marcariam mais profundamente os homens seriam, entre outros, os que assinalam que os homens desejam as mulheres, que são heterossexuais, pois isso estaria em sua natureza biológica (o "instinto"). Aqueles que não o são seriam afeminados, doentes, anormais. Os homens são e devem ser ativos, penetradores, racionais e emocionalmente controlados; podem e devem exercer poder sobre as mulheres para possuí-las, e estas são e devem ser passivas, penetradas, emocionais e, em maior ou menor medida, dependentes dos homens. Ao mesmo tempo, seriam estabelecidos critérios para avaliar o corpo de homens e de mulheres: a mulher *sexy* (pernas, seios, nádegas, estatura), o corpo aceitável do homem (estatura, tamanho do pênis, pêlos no rosto e no peito, entre outros aspectos).

Na adolescência/juventude, a identificação com os aprendizados de rua seria intensa, e muitos homens procurariam cumprir quase literalmente os mandatos do modelo hegemônico de masculinidade, ainda que não o conseguissem; nesse caso, seus comportamentos e atitudes seriam extremados. Isso também se refletiria no campo da sexualidade: os homens são superiores às mulheres, são heterossexuais e têm que demonstrá-lo aos outros/as, para não ser taxados de afeminados ou homossexuais, reproduzindo os comportamentos sexistas, heterossexistas e homofóbicos.

As mulheres seriam objeto de conquista e competição entre os homens, poderiam ser possuídas. Isso poderia ocorrer no próprio bairro, na escola ou em festas. As mulheres poderiam ser conquistadas para estabelecer um laço amoroso, ou para ser possuídas e fazer sexo. Com isso se reafirmaria o aprendizado implícito do lar e da escola, que distinguiria o amor e o sexo: o desejo e o prazer com mulheres que não são as amadas, para encontros passageiros. Aprender-se-ia também que as mulheres deveriam ser respeitadas e que, sendo superiores, os homens deveriam dar proteção aos mais fracos: mulheres, crianças, velhos. Especialmente, proteger as mulheres amadas (mães e namoradas) de outros homens que tentassem se aproximar para conquistá-las.

Também se aprenderia na rua que, para ser homem, deve-se tomar decisões, tornar-se independente dos pais, ser autônomo e não estar sempre com o grupo. O homem deveria ter relações sexuais para ser aceito plenamente; teria que contar vantagem e não acreditar em tudo que os outros homens afirmassem; deveria ser reservado, deveria ter cuidado com os outros. Aprenderia que haveria práticas mórbidas, que envergonhariam; que festas, mulheres, bebidas e às vezes drogas e uma briga fariam parte da diversão, ainda que não se participasse plenamente de tudo isso; que o álcool ajudaria a se descontraír e daria segurança na conquista e na com-

petição; que o álcool e a droga produziriam danos e que ele deveria manter-se longe deles.

Em síntese, na rua se aprenderia sobre o desejo e o prazer; as vivências assumiriam sentido; pautas e comportamentos seriam internalizados; contudo, também se reconheceria, com o crescimento, que esses aprendizados são relativos, que os mandatos e comportamentos aprendidos, apesar de serem referência, se relativizam e, inclusive, que é possível evitá-los ou rejeitar alguns deles, ao menos na intimidade.

O INÍCIO DA SEXUALIDADE ATIVA

De acordo com os relatos dos homens, a consciência de sua sexualidade é reafirmada a partir da adolescência, com os primeiros namoros e o contato físico com a namorada, alguma amiga ou vizinha, e a sensação prazerosa que isso provoca.

O LAÇO AMOROSO

A partir da adolescência, os homens passam a se relacionar com as mulheres de maneira distinta; mais lenta ou rapidamente, vão se relacionando com elas impulsionados pela curiosidade de conhecê-las e pelo afã de conquistá-las. Curiosamente, o que no grupo de pares parecia tão claro — a conquista e a posse das mulheres para tentar fazer sexo — iria se desvanecer no contato com algumas delas, dando origem a laços amorosos até esse momento desconhecidos.

Assim, a relação com as mulheres passaria a ser um aprendizado que lhes permitiria vivenciar, dar sentido e, talvez pela primeira vez, pôr em xeque aquilo de que o amor e o sexo eram experiências que correspondiam a espaços distintos para os homens. Logo descobririam que a mulher amada também os excita. Nas primeiras aproximações amorosas, o contato físico poderia não ser importante, mas logo as carícias e os beijos, a excitação e o prazer passariam a fazer parte do jogo amoroso. Assim, o desejo se manifestaria também com a mulher amada. Começariam a experimentar a tensão, especialmente com a mulher amada, entre sexo e amor: o corpo, o desejo lhes incitaria ao sexo, mas o amor pela mulher amada os obrigaria a evitá-lo inicialmente, para alguns, e até casar-se, para outros. Nas gerações de homens mais jovens, especialmente dos setores populares, esse dilema começaria a desaparecer, e as relações sexuais com a mulher amada se iniciariam muitas vezes mais cedo (em idades precoces) e sem compromisso formal de viverem juntos.

O namoro, a relação amorosa, ensinaria ao homem o que é o amor; nessas vivências entrariam em jogo os sentimentos, haveria riscos; os jo-

gos amorosos seriam sérios e pressuporiam compromissos, ainda que não se prolongassem por muito tempo; aprender-se-ia a conversar com a mulher amada, a estabelecer uma amizade com a companheira; a mulher amada exigiria/mereceria fidelidade, a mesma que ele exigiria dela; poder-se-ia enganar a mulher amada e fazer sexo com outras mulheres, mas seria inaceitável que ela o enganasse. No namoro, essa situação se resolveria, geralmente, rompendo com a amada.

A PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL

Para os homens, a primeira relação sexual deveria não apenas estar relacionada com o desejo, mas também com a consecução de uma meta fundamental: possuir uma mulher, penetrá-la e comunicar o fato aos outros homens, para certificar-lhes que já entrou para o clube dos homens com maiúscula, que as mulheres estariam a seu alcance, que é um homem, que é heterossexual.

Do ponto de vista do prazer, para vários homens que fizeram sexo com sua amada, havia sido uma experiência maravilhosa, inesquecível, fundiam-se amor e prazer. Alguns sentiram prazer, sem estar apaixonados. Outros, ao contrário, não sentiram nada, especialmente os que tiveram essa relação com uma prostituta.

Com o início da sexualidade ativa, o homem teria a experiência do prazer com uma mulher. Até esse momento havia conhecido o autoerotismo, especialmente por meio da masturbação e da fantasia; agora, confirmaria que o prazer é a satisfação do desejo com uma mulher. O homem se sentiria mais homem, capaz de atrair as mulheres; esclareceria as dúvidas sobre a própria capacidade sexual, sentiria que havia se produzido uma mudança nele, que estaria passando para outra etapa de sua vida.

Também aprenderiam que as mulheres podem ter iniciativa, ser “ativas”, ainda que isso pudesse desconcertá-los. Alguns homens relataram que haviam sido seduzidos por uma mulher. Isso seria especialmente válido na primeira relação sexual e no início da sexualidade ativa, por parte de mulheres mais velhas com experiência sexual. Dessas mulheres, alguns haviam aprendido sobre o prazer, técnicas do amor e como tratar as mulheres para que ambos pudessem gozar.

A partir da primeira relação sexual, inicia-se nos homens um período de atividade sexual mais ou menos ativo, anterior à convivência em casal. Alguns aprenderiam que a sexualidade pode ser decidida e compartilhada por ambos; outros, que eles decidiriam. Começariam a reconhecer que nem todas as mulheres são iguais; algumas teriam iniciativa, outras — a maioria — esperariam que o homem a tomasse; que havia formas de atrair as mulheres. Em relação à mulher amada, aprenderia que é importante ser o

primeiro, que deve cuidar da mulher que ele quer ter, que deve ser cuidadoso com as namoradas, porque outros poderiam conquistá-las.

EXERCER O PODER

Com o início da sexualidade ativa, os ensinamentos de rua e de alguns pais entrariam em vigência: as mulheres, especialmente as “outras”, deveriam ser conquistadas e possuídas. Com elas, sexo, gozo e prestígio. Para alcançar o objetivo, seria permitido exercer poder e usar as mais diversas “estratégias de abordagem”, que podem ser idealizadas como: a insistência até o cansaço para vencer a vontade da mulher; o engodo, fazendo-a crer que a ama; a “prova de amor”, que demonstra ao homem que ela o ama e que está disposta inclusive a perder sua virgindade; o uso de álcool e drogas para conseguir seu consentimento; o assédio ou a violência sexual. Estas últimas formas, certamente, não foram expressas dessa maneira pelos homens em seus relatos, ainda que, em algum caso, fosse possível deduzir que assim tenha sido. Geralmente, eles assinalaram que não utilizariam esse tipo de “recursos”, que lhes parecia inaceitável, alguns ou todos. No entanto, quando lhes foi dada a oportunidade, pôde se depreender dos relatos que uma porcentagem importante havia feito uso deles, ou ao menos tinham ficado em dúvida quanto a seu uso.

Ao mesmo tempo, estaria reforçada a interpretação que os homens fazem do desejo, bem como sua construção de mulher. A partir da distinção entre a mulher amada e as outras mulheres, o homem interpretaria que, para a mulher amada, o desejo surge do laço amoroso com seu homem. A origem do desejo, para a mulher, estaria no amor e não no “instinto”, como para o homem. Ela se “entregaria” e faria amor apenas com quem amasse. Se a companheira de um homem fizesse sexo com outro homem, isso seria interpretado como a mais clara evidência de que já não o ama; a infidelidade da mulher seria considerada a máxima prova de desamor, além de outros significados que teria para o homem, em relação à sua capacidade sexual, bem como ao fato de que “sua” mulher tenha sido “conquistada” por outro.

É por isso que, se um homem quisesse possuir uma mulher e fazer sexo, deveria fazer com que ela visse que a ama, ainda que não fosse correto, a fim de fazê-la se entregar. Nesse caso, além da farsa, o homem, em alguns casos, exerceria poder para conseguir seu objetivo. As mulheres que fizessem sexo com um homem sem relação amorosa, por sua vez, seriam consideradas doentes, “quentes”, incapazes de controlar seu corpo, com alma de putas, ou definitivamente putas. Com essas mulheres, os homens deveriam ter cuidado, em função de possíveis contaminações por doenças sexualmente transmissíveis ou HIV/Aids, ou porque elas tentariam “fazer um filho” para comprometê-los. Para ele, seria muito difícil aceitar que

uma mulher tivesse desejo e o expressasse a um homem com o qual não tivesse uma relação amorosa.

RESPONSABILIZAR-SE PELAS CONSEQÜÊNCIAS DA SEXUALIDADE

Iniciada a sexualidade ativa, os homens “descobririam” que eles não são os responsáveis pelas conseqüências de sua sexualidade, e isso seria reafirmado a eles pela companheira, bem como por profissionais de saúde. Como o desejo do homem seria quase permanente, em qualquer momento em que se sentisse excitado poderia ter relações sexuais; além disso, para ele seria custoso controlar seu corpo, seria um “risco” fazer-se responsável. Especialmente arriscado seria controlar a penetração ou a ejaculação; portanto, seria pouco “confiável” torná-lo responsável pelo controle da fertilidade da companheira, quase uma irresponsabilidade. A mulher, ao contrário, conhecendo seu próprio corpo e seu ciclo menstrual, poderia prevenir a gravidez, regulando a sexualidade do homem quando estivesse no período fértil, ou fazendo uso de anticoncepcionais que impedissem a gravidez.

Para a parceira que não quisesse ter um filho, seria muito mais seguro que ela se tornasse responsável pelas conseqüências da sexualidade de ambos, a deixar a decisão para o homem. Os homens que sublinharam que, em algum momento, quiseram ser responsáveis pela contracepção, afirmaram que, exceto o coito interrompido, a opção disponível no Chile era o condom. Porém, o condom não seria visto pelos homens como um anti-concepcional, mas como um meio de prevenir a contaminação, a ser usado quase exclusivamente quando se tivesse sexo com uma mulher desconhecida, ou com aquela que se desconfiava fazer sexo com outros homens. Portanto, a responsabilidade dos homens se expressaria no controle para que a mulher usasse efetivamente anticoncepcionais, bem como na exigência de que ela fizesse os controles que ele viesse a requerer.

A SEXUALIDADE EM UM RELACIONAMENTO ESTÁVEL

O conjunto de aprendizados, vivências, interpretações e construções que foram sublinhados está presente quando o homem inicia uma convivência estável com uma mulher. A convivência e o casamento, de acordo com os relatos dos homens entrevistados, implicariam, por um lado, que o homem se posicionasse desde o início como o chefe da casa e, por outro, que se estabelecesse de uma relação estável onde ao menos três elementos seriam de grande importância: o laço amoroso com a companheira ou esposa, a paternidade e a atividade sexual, variando a ordem de importância segundo os diferentes relatos.

O homem internaliza, desde criança, que ser homem é importante e que um de seus atributos, quando vive um relacionamento, é ser o chefe da casa, a autoridade da família; a ele os membros do lar devem respeito e obediência. Essa autoridade se veria reforçada pelo fato de ser, em muitos casos, o provedor principal. Nesse âmbito, o homem sentiria que teria direitos; seria um campo de seu domínio. A posição do homem, no interior da família e do casal, seria hierarquizada em relação à mulher. A vida sexual com a companheira seria configurada a partir dessa disposição. Ser chefe da casa traria direitos.

Para os homens entrevistados, a convivência teria origem especialmente na relação amorosa que se estabeleceu com a mulher ou na gravidez da companheira, que precipitou a união. Alguns, ao contrário, começariam a conviver sem amar a mulher, em função de uma gravidez, mas haviam se unido porque gostavam dela — isso seria mais freqüente entre homens de setores populares. O laço amoroso, assim, poderia estar ou não presente na união.

Embora em geral, para os homens, a paternidade tivesse dado sentido à vida de casal, ao formar uma família, e alguns assumissem sua responsabilidade iniciando a convivência, no caso de uma gravidez não-planejada, tanto o laço amoroso quanto a sexualidade satisfatória estariam na base da relação do casal. Para outros, ao contrário, especialmente à medida que a idade aumenta, a sexualidade seria importante na convivência ou no casamento, mas não o fundamental. A relação com a companheira ou esposa se fundaria nos filhos e na comunicação com a mulher.

A vida sexual seria considerada, pelos homens, como um dos eixos da vida em casal. Por meio dela, os sentimentos e o amor seriam expressos, permitindo a eles conhecer-se e reconciliar-se com a companheira, quando tivessem ocorrido tensões ou conflitos. Para a maioria dos homens, a sexualidade prazerosa implicaria distintas experiências subjetivas; como aprenderam desde a adolescência, o alívio, a satisfação da necessidade do corpo, o clímax, “tocar o céu”. Porém, seria também uma forma íntima de comunicação e entrega à companheira; uma relação a dois, que ambos teriam que desfrutar. Sem prazer, algo estaria falhando. A carência sexual se traduziria em um sentimento de incompletude.

Quando um dos aspectos da vida a dois — amor e sexualidade satisfatória — se debilitasse ou faltasse, o casal entraria em um período de tensões e conflitos. Para o homem, quando não houvesse satisfação sexual, as grandes opções seriam, de acordo com os relatos, buscar por fora o que não se tem em casa, ou agüentar. Porém, ambas as possibilidades produziriam mal-estar em muitos deles, ainda que tivessem se utilizado desses caminhos. Se o amor se debilitasse ou desaparecesse, alguns o aceitariam — especialmente os mais velhos — como um processo que faria parte da

cada vez mais distante; outros, ao contrário — entre os mais jovens — evitariam formalizar a convivência com o casamento, à espera de que aparescesse a mulher amada. Este seria um dos motivos pelos quais muitos homens, que convivem com suas companheiras, não se casariam com elas e, se estivessem casados, se separariam.

Enquanto o laço amoroso ou uma sexualidade satisfatória com sua companheira persistissem, o homem manteria sua convivência e se adaptaria a uma vida que, mesmo insuficiente, teria as gratificações necessárias, especialmente a presença dos filhos. Se faltassem esses dois aspectos da vida em casal, segundo os relatos, poder-se-ia entrar em um período de conflitos graves, profundos e crescentes, em que as normas básicas de respeito e convivência se veriam profundamente alteradas, podendo terminar em separação, como ocorreu em alguns casos. Para muitos, apesar da paternidade ser muito importante, os filhos não seriam um impedimento para a separação. Essa situação seria mais bem conduzida por homens mais velhos do que pelos mais jovens, pois, para estes últimos, seria difícil começar de novo, muitos não dispoñdo de recursos para fazê-lo.

NEGOCIAÇÃO E EXERCÍCIO DE PODER

Seria nesse contexto, que incluiria aprendizados e vivências do desejo e do prazer desde o início da adolescência, que se daria a sexualidade e sua negociação para o casal unido em convivência. No âmbito da sexualidade do casal, e em particular nas relações sexuais, todos os elementos que conformam uma negociação se fariam presentes. Haveria um cenário, dois atores principais — poderia haver outros, como filhos e filhas — que teriam interesses às vezes semelhantes, outras, contrapostos. E fatores que os condicionariam. Seriam tomadas decisões que se implementariam com os recursos que cada ator possuísse. Cada ator teria certo poder de negociação, que lhe permitiria exercer poder sobre o outro, segundo os recursos de que dispusesse. Tanto a decisão quanto os meios para implementá-la e suas conseqüências estariam no âmbito da negociação.

Contudo, essa negociação traria implícito, em muitos casos, segundo foi sublinhado, uma relação desigual entre os atores, desde o início da convivência: os homens se sentiriam importantes, mesmo que às vezes, nos relatos, não o reconhecessem; são os chefes da casa e teriam recursos: são os provedores (esta qualidade poderia debilitar-se com o desemprego, por exemplo). As mulheres, ao contrário, teriam que demonstrar ao homem — das mais diversas maneiras — sua importância e recursos (recursos como seu próprio corpo, as tarefas domésticas, os filhos, recursos financeiros por

trabalho próprio, recursos financeiros superiores aos dos homens, prestígio profissional, entre outros). Um cenário que poderia ser modificado, pois ambos os atores iriam fazendo o outro ver que possuem e controlam novos recursos, ou quais foram perdidos; situação que iria se transformando à medida que a convivência transcorresse.

Haveria múltiplas formas de negociação. De acordo com os relatos, cada um teria a sua forma, com carícias, sorrisos, ofensas, sinais, gestos, palavras, gritos, ameaças ou golpes. Porém, de alguma maneira, seu uso estaria condicionado pelo respeito que existisse entre ambos e pelo nível de satisfação/frustração em torno da relação amorosa e da sexualidade.

No campo das relações sexuais, o que se negociaria seria a satisfação do desejo e do prazer. O homem, segundo sublinharam os entrevistados, normalmente desejaria ter relações sexuais e procuraria conseguir o consentimento da mulher. A mulher deveria regular sua freqüência. As situações que se apresentaram com maior freqüência se referiam à disposição de ambos de manter relações sexuais. O primeiro cenário se daria quando a iniciativa fosse comum: ambos têm desejo, o ambiente o permite, há consentimento, a negociação pode ser rápida e se consuma o ato. Porém, isso não aconteceria sempre assim.

Um segundo cenário se daria quando o homem tomasse a iniciativa e a mulher o rejeitasse. De acordo com os relatos, na maioria das vezes a resposta dos homens seria de dolorosa aceitação; eles suportariam, respeitariam sua decisão. Porém, desenvolveriam estratégias para tentar mudar a decisão da mulher: alguns conversariam com ela para ver se “aparece a vontade”, tentariam convencê-la até ganhá-las pelo cansaço; se nada acontecesse, deixariam para outro dia. Há também aqueles que sublinharam que usariam todos os meios que tivessem ao seu alcance. Mesmo que nas entrevistas ninguém tenha reconhecido uma atitude agressiva ou de violência física contra a mulher, no caso de uma negativa por parte dela, isso em parte pode se dever ao fato de que as respostas tenham sido dadas a outro homem, e o mandato social diz, entre outras coisas, que os homens devem proteger suas mulheres, especialmente a sua mulher. Disso resulta que não seria fácil para um homem reconhecer que exerce poder e violência física contra sua companheira, mesmo que dos relatos se depreenda o uso de poder e, inclusive, de força física.

De acordo com os homens, outro cenário, apresentado poucas vezes, se daria quando a mulher tomasse a iniciativa. Ela manifestaria o desejo, se insinuaria ao homem; nesses casos, ele se sentiria realmente querido, desejado, ainda que alguns tivessem sublinhado que haviam ficado incomodados, pois não era comum, mas haviam gostado ou gostariam. De forma chamativa, este seria um cenário que muitos homens demandariam: que elas tomassem a iniciativa e que eles fossem os “passivos”. Se ela to-

masse a iniciativa, ele deveria retribuir, ainda que estivesse cansado. Porém, para alguns, não responder positivamente ao desejo da mulher poderia ser um indício de que ele “anda com outra”; por isso, sobretudo, aceitariam. Também haveria homens que sinalizariam para sua companhia quando eles não quisessem ter relações, da mesma forma que ela o havia sinalizado para ele em outras ocasiões.

CONCLUSÕES

Da pesquisa sobre o desejo, o prazer e as relações de poder na sexualidade dos homens heterossexuais, é possível apresentar um conjunto de perguntas e hipóteses a partir dos resultados comentados — tendo presente que é um objeto de estudo em pleno processo de formulação de perguntas e de busca de respostas —, a fim de realizar uma reflexão sistemática que permita uma maior compreensão da sexualidade dos homens e de suas conseqüências para as mulheres, para a vida a dois e para uma maior equidade de gênero.

A sexualidade, vista como desejo e prazer, e não apenas como genitalidade e reprodução, é um espaço de reflexão, ensino e aprendizado que seria evitado, em geral, pelas famílias e escolas. Não há uma linguagem que permita tratar o tema e socializar com os filhos ou alunos essas vivências, em um clima de respeito mútuo, tolerância e aceitação da diversidade. Isso fica evidente na pobreza da linguagem para expressar distintas vivências, intensidades ou situações. Isso não ocorre, por sua vez, quando se fala do trabalho ou da profissão.

A pergunta que surge é por que os pais (pai e mãe) não podem fazer essa reflexão de sua própria experiência do desejo e do prazer e transmiti-la aos filhos. Como se constatou neste artigo, haveria respostas, de tipo religioso, mas claramente não são suficientes em uma sociedade crescentemente secularizada. Se os pais (pai e mãe) não fizeram essa reflexão de suas vidas, nem souberam como transmiti-la aos filhos, dificilmente se poderia esperar que eles pudessem preparar, explicar e acompanhar seus filhos em sua vida sexual desde o início. Porém, segundo o que se afirma normalmente nas escolas, esta seria uma área que competiria aos pais tratar com os filhos, e não a elas; as escolas deveriam centrar-se — e assim o fazem — na genitalidade, na reprodução e na prevenção de doenças contagiosas. Os responsáveis pela escolaridade formal, as autoridades educacionais, estão cientes de que, ao aceitar essa premissa, estão deixando às próprias crianças e adolescentes a interpretação dessas vivências tão caras a cada pessoa, sem o apoio que lhes permita interpretar o que está acontecendo com seu corpo? Por que isso acontece? Esta é outra pergunta que requer resposta.

A ausência — ou a presença passiva — de pais (pai e mãe) e da escola na socialização da criança/adolescente em sua sexualidade levaria os homens a buscar respostas entre seus iguais. Porém, seus iguais têm o mesmo aprendizado, e os que “sabem” o aprenderam por eles mesmos ou por meio de rapazes mais velhos. Portanto, a reflexão que incorporariam acerca das vivências do desejo e do prazer se equivaleria à que eles poderiam fazer e fazem. Tal reflexão estaria fortemente influenciada pelos padrões dominantes da masculinidade hegemônica, que os jovens imitariam para ser considerados “homens” por seus pares e pelos adultos. Essas expressões de sua masculinidade os levariam a extremar esses mandatos hegemônicos que os distinguem das mulheres, a fim de mostrar que não são efeminados.

Talvez essas miradas em branco e preto, sem tonalidades intermediárias, tivessem seu fundamento em uma visão essencialista da sexualidade, especialmente em aprendizados como a construção do corpo, a interpretação do desejo, a distinção do mundo das mulheres entre as amadas e as outras, bem como da sexualidade entre sexo e amor, entre outros. Do mesmo modo, se para os jovens heterossexuais é difícil encontrar espaços para conversar sobre sua sexualidade e, quando o encontram, como o grupo de pares, este reforça uma visão heterossexista, o quanto não seria difícil conseguir esse espaço para um adolescente com outra orientação sexual? Esse aprendizado, que os adolescentes/jovens reproduzem, teria conseqüências muito importantes nas relações entre homens e mulheres e entre os próprios homens, que se expressariam no sexismo, no heterossexismo, na homofobia e nas relações que poderão estabelecer quando adultos.

Em sua relação com as mulheres, especialmente as de sua idade, os adolescentes ou jovens relativizariam os aprendizados de rua; nessas vivências, eles dariam sentido de “realidade” a seus aprendizados. Eles começariam a relativizar os aprendizados estruturados de um mundo dividido entre amor e sexo, desejo, prazer, exercício de poder e comunicação com a companheira e suas múltiplas conseqüências. Porém, também essas mulheres, em alguns espaços, reafirmariam aprendizados ensinados pelos pais e não-questionados, como, por exemplo, a suposta animalidade dos homens e as conseqüências que isso tem para a sexualidade do casal e para a saúde reprodutiva.

Finalmente, é possível concluir que as vivências e aprendizados que os homens têm desde sua infância/adolescência teriam importantes conseqüências para a sexualidade de sua companheira. É a partir desses aprendizados que se estabeleceriam as relações entre homens e mulheres, onde os homens desde o início estariam em posições superiores, condicionando a vida da companheira e obrigando a mulher, que quer estabelecer relações mais igualitárias, a uma constante disputa por novos espaços.

Versão acrescida e modificada do texto apresentado no Seminário Homens: Sexualidade e Reprodução, realizado em São Paulo, em abril de 1998.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GAARDER, Jostein. (1997) *Vita brevis. La carta de Floria Emilia a Aurelio Agustín*. Madrid, Ediciones Siruela.
- MONICK, Eugene. (1994) *Phallos. Símbolo sagrado de la masculinidad*. Santiago de Chile, Editorial Cuatro Vientos.
- OLAVARRÍA, José, BENAVENTE, Cristina & MELLADO, Patricio. (1998) *Masculinidades populares. Varones adultos jóvenes de Santiago*. Santiago de Chile, Nueva Serie: FLACSO-Chile.
- VALDÉS, Teresa & OLAVARRÍA, José. (1998a) Los Estudios sobre Masculinidades en América Latina: Cuestiones en torno a la Agenda Internacional. Simposio sobre Participación Masculina en la Salud Sexual y Reproductiva: Nuevos Paradigmas. Oaxaca, México.
- . (1998b) "Ser hombre en Santiago de Chile: a pesar de todo, un mismo modelo". In: VALDÉS, Teresa & OLAVARRÍA, José (eds.) *Masculinidades y equidad de género en América Latina*. Santiago de Chile, FLACSO-Chile: UNFPA, pp. 12-35.